

DE CONTRA A MARÉ: críticas pós-estruturalistas a psicologia aplicada as organizações

Antonio Leonardo Figueiredo Calou¹

Tiago Alves Callou²

RESUMO:

Com o advento das revoluções industriais e francesa, com o crescimento da urbanização, da industrialização e do sistema capitalista, novas demandas sobre a constituição dos sujeitos, suas personalidades e seus comportamentos surgem abrindo espaço para que a psicologia adentre as organizações, no intuito de compreender as demandas, formulando práticas resolutivas dos conflitos proporcionados pelas vidas humanas em interações nas relações de trabalho. Ao ser inserida, a psicologia organizacional nasce, e com ela abre-se a oportunidade de produzir conceitos, teorias e práticas sobre as suas correntes, buscando formas de melhoramento das relações de trabalho em meio ao sistema capital. No entanto, é perceptível que, da forma embasada pelo taylorismo e pelo estruturalismo, a psicologia organizacional nada mais fez, com seus métodos, que abafar e resignificar as intenções dos efeitos que se desenvolvem em meio ao sistema capitalista; o individualismo, a competição, a ambição, a introspecção, entre outros, sendo instrumento maquinico para a perpetuação desse sistema desigual, naturalizando suas disparidades. O objetivo deste ensaio, é apenas tecer alguns comentários sobre o assunto, propondo ser em médio prazo, o ponto inicial para o aprimoramento em uma revisão teórica crítica sobre a psicologia organizacional.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Organizacional. História da PO. Crítica pós-estruturalista.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem o propósito de discutir a formação histórica da psicologia organizacional, percebendo sobre seus conceitos as configurações discursivas que propõe um efeito de estruturação de corpos e subjetividades para o movimento capitalista, assim

¹ Cientista Social e Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos. É mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), membro do Núcleo de Estudos Socioantropológicos da Religião e do Gênero (SOCIUS). Atua nas áreas de Administração de Recursos Humanos, Educação, Psicanálise, Sociologia e Antropologia. Com interesse em: pós-estruturalismo, estudos de gênero, sexualidades e teorias *queer*. E-mail: leo.calou@hotmail.com

² Graduado em Direito (FAP), especialista em Processo Civil (URCA) e mestrando em Ciências das Religiões (UFPB), membro do Núcleo de Estudos Socioantropológicos da Religião e do Gênero (SOCIUS). E-mail: tiagocallou@hotmail.com

como também, tecer algumas críticas a sua formação analisando seus interesses mercadológicos, desde sua diligência em se inserir dentro das organizações, a se tornar objeto da ambição capitalista que se propagam pelas micropolíticas empresariais, compondo corpos e subjetividades, as relações desiguais de trabalho.

Diante disso, o que aqui será visto, consiste em apenas um ensaio inicial e bem imaturo, que por se desenvolver num pequeno espaço de tempo e páginas, traz pouquíssimas considerações e análises acerca do objeto teórico de pesquisa desejado. Todavia, são reflexões atuais que necessitam ser discutidas e apresentadas à área, que ao nosso olhar, andou um pouco adormecida para a problematização de onde está inserida.

O que fundamenta as críticas tolhidas neste ensaio é um olhar pós-estruturalista, embasado principalmente pelas teorias dos filósofos e psicanalistas, Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentadas no livro *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (2011). Apesar de não revisada, pelo curto espaço que temos no desenvolvimento dos argumentos, é possível considerar, em meio aos seus postulados, e de outras correntes como, as de base marxista, socialistas e etc., como a psicologia organizacional tornou-se estratégia para a manutenção de um sistema desigual, e por isso também, patológico.

DESENVOLVIMENTO

A psicologia é uma ciência ainda muito jovem, tendo em seu panorama histórico, segundo Ana Mercês Bahia Bock (1999), uma grande dificuldade em se compor como ciência. Seus pressupostos teóricos, e o interesse pelo comportamento humano estavam atrelados à filosofia, assim como a de várias outras ciências (sociologia, antropologia, a própria física e etc.). O que fez com que, para obter a legitimidade de ser uma disciplina científica, tivesse que se encaixar nos critérios racionalistas iluministas que já vinham como discurso (requisito) de poder desde o século XVIII. No entanto, a psicologia enquanto ciência, somente tem seu início na segunda metade do século XIX, quando o psicólogo alemão Wilhelm Wundt, fundou o primeiro laboratório de psicologia na cidade de Leipzig, o seu país de origem.

Por ser uma ciência jovem e aprendente, a psicologia em seus estudos iniciais, feito sobre o laboratório alemão, se apoiava em suas irmãs mais velhas; que, para além da filosofia, tinha a sociologia e a antropologia. Como também, das ciências naturais, a biologia e a fisiologia, cujas bases teórico-metodológicas davam suporte para compreender os comportamentos humanos e as formações das consciências³, como resultado da interação entre as relações sociais/culturais, o corpo e a mente.

Para tanto, Wilhelm Wundt se apoiava sobre as abordagens estruturalistas, nas quais tinham como objetivo buscar entender o ser humano e seus comportamentos a partir das significações dadas por seus membros em interação. Para ele, esse tipo de análise somente poderia acontecer através da investigação da consciência, definindo a consciência como a experiência imediata, ou seja, uma análise da experiência dos sujeitos em interação.

Contudo, a psicologia não parou de se desenvolver nas tentativas de se mostrar legítima no campo científico, e seguiu se apoiando em outras abordagens, como funcionalismo⁴ e o associacionismo⁵, entre outras correntes, tendo outras visões e arcabouços teóricos novos como apoio.

Ana Marcês Bahia Bock (2003), ainda considera que não existe muito bem uma linearidade das principais teorias que se desenvolvem quando a psicologia torna-se científica. Entretanto, as diversas apropriações teórico-metodológicas das diversas correntes de pensamento, fizeram dela uma disciplina bem híbrida, ao tempo que, constituidora de abordagem com métodos próprios.

As principais teorias que hoje compõem universo das psicologias são: O behaviorismo, a psicanálise, a psicologia fenomenológica e a psicologia sócio-histórica. Cada uma delas traz um foco, um ponto de visão analítica, que por vezes, se distinguem e se apresentam como:

³ A consciência foi o primeiro objeto pensado e posto em discussão no laboratório alemão.

⁴ O funcionalismo é uma corrente advinda da antropologia, nessa ciência tinha como precursor o britânico Bronisław Malinowski, que buscava entender o sentido das culturas primitivas pelo funcionamento de suas relações. Em 1980, William James propõe a psicologia um olhar funcionalista, buscando compreender o propósito dos processos mentais e sua utilidade para o corpo e o sujeito.

⁵ O associacionismo é uma corrente derivada da filosofia. Na psicologia seu pai é Edward L. Thorndike, que em sua formação, foi aluno de William James. A perspectiva associacionista atribui ao processo de aprendizagem e de formação humana, a associação de ideias. O sujeito aprenderia e se constituiria através das associações feitas a partir de uma ideia anterior.

- O behaviorismo, considera-se a teoria que monta a ciência. Se atribuindo dos postulados do psicólogo americano, John Watson, que em 1913, sobre suas obras, propunha que o estudo da Psicologia era estritamente o comportamento e que só através de suas observações diretas, material e por isso visível, é que se poderia compreender o ser humano e sua formação. O behaviorismo passa a ser conhecido pela sua metodologia, análise do comportamento.
- A psicanálise por sua vez, tem como precursores os postulados do médico Sigmund Freud. A partir de várias observações de casos clínicos, Freud começou a se interessar na formação da personalidade, buscando compreender através das primeiras experiências da vida humana e as formas, como ela se manifestava na psique dos sujeitos. A psicanálise passa a se interessar sobre o inconsciente e todo o impacto que este pode guardar, mudando a vida dos sujeitos. A psicanálise é a primeira abordagem a inserir a psicologia nos quadros clínicos.
- Psicologia fenomenológica parte da filosofia de Edmund Husserl, que seguramente afirmava que a consciência é fruto de interação. Logo, é a cultura, o meio social e as forças políticas que constroem o sujeito, e o que ele nomeou de subjetividade. A partir de sua formação, de acordo com Bock (2003), outros movimentos filosóficos se apropriam em discussões e se aprimoram, abrindo espaço para novas correntes da psicologia, como é a existencial, a humanista, a transpessoal e a gestalt-terapia.
- E por fim a psicologia sócio-histórica, cujo precursor é Lev Vygotsky, que acreditava que o pensamento, a história e a cultura constituiriam as personalidades dos sujeitos, fazendo com que o ambiente cultural, fosse entendido como pressuposto constitutivo das ações e comportamentos nele protagonizados.

O que tem de comum em todas as correntes é que, apesar de se compõem em teorias que se divergem e se criticam - talvez sob o ponto de vista que olha objeto fim - todas estão dispostas a compreender as relações humanas, entendendo os comportamentos dos sujeitos e buscando formas resolutiva para os conflitos que possam ocorrer.

Dessa forma, a psicologia passou a se interessar pelos mais diversos modelos de atuações humanas, assim como os ambientes em que essas atuações ocorrem. Isso fez com que ela pudesse ser inserida em vários âmbitos, dentre eles, nas organizações, instituições de trabalho, lugares onde os sujeitos passam a maior parte do seu tempo, e por onde constituem várias relações intrapessoais e interpessoais.

Com a chegada do século XIX, as revoluções industriais e francesa, e a virada das relações sociais e humanas, ocasionadas pela formação dos grandes centros urbanos, da industrialização e do sistema capitalista, novas demandas surgiram aos estudos em psicologia, que ao se inserir nos ambientes de trabalho, buscavam compreender os comportamentos do sujeito, suas ações, divergências, conflitos, a fim de traçar estratégias táticas e resolutivas aos problemas; fossem eles de identificação pessoal, fosse de saúde, energia nas organizações geralmente manifestado nos agentes de produção.

Influenciada pelo taylorismo⁶ exacerbado, a psicologia a princípio se insere nas organizações com o objetivo de desenvolver práticas, com as quais, os níveis de produtividade pudessem alcançar melhores resultados.

À vista disso, somente na segunda metade do século XX, é que a psicologia organizacional surge, buscando ser resposta para as demandas sociais emergentes nas indústrias, comércio, instituição política e organização pública e privada, sem perder o foco na produtividade, mas buscando conceber transformações no mundo do trabalho.

A partir do seu histórico, é possível perceber que a psicologia organizacional nasceu como estratégia política de melhoramento e manutenção das redes de capitais produtivos nas empresas. Apesar de todo o esforço humanizador que se tem sobre a concretude de seus conceitos no âmbito organizacional, e que se desenvolvem de uma forma ascendente sobre as práticas e técnicas na sua literatura (são exemplos: CHIAVENATO, 2004; 2009; 2010; BERGAMINI, 2005; BERGAMINI e BERALDO, 2010), a psicologia organizacional ainda não perdeu seu status interessado na produtividade, e assim, o aumento dos lucros que é o interesse das organizações. Tendo

⁶ De acordo com Chiavenato (2010), o taylorismo foi um das primeiras correntes da Administração Científica, que tinha a produtividade maior, ou seja, a produtividade em grande escala, o seu interesse fim. Conforme afirma o autor, essa corrente estava preocupada “em construir um modelo de administração com base na racionalização e no controle da atividade humana; uma espécie de engenharia aplicada à administração” (CHIAVENATO, 2010, p. 08).

sobre seu arcabouço conceitual e nas suas produções, a sombra de um sistema competitivo, desigual, hierárquico e opressor; o capitalismo.

O capitalismo por sua vez, tem-se definido por autores clássicos (DELEUZE e GUATTARI, 2007; 2011; 2012; ROLNIK, 2010; 2011), como um sistema que move sujeito, subjetividade e intersubjetividade que se apegam em seus aspectos negativos, e que estão movidos pela força e o poder promovido pela aquisição quantitativa de bens e status sociais.

Como a firma Deleuze e Guattari (2011), esse sistema cria subjetividade que obedecem toda uma lógica desigual de normas e condutas, nas quais, os corpos obedientes se movem ao mesmo tempo em que aceitam suas condições. As chamadas *subjetividades capitalísticas*, teoria concebida pelos autores, estão em toda parte e se manifestam de várias formas, nos caixilhos de atuação dos sujeitos, assim como em suas personalidades e emoções.

Ao trabalhar com essa lógica capital, a psicologia organizacional a fomenta de maneira direta, pois ignoram que existe toda uma composição sistêmica hierárquica que constrói relações binárias e multifacetadas em sua significação, produzindo sujeitos conformados as naturalizações desse sistema.

A bem da verdade, a psicologia organizacional reconhece nos seios de suas teorias os aspectos do capitalismo, haja vista ter-se seus agentes (psicólogos, analistas de recursos humanos e administradores), a função de diagnosticar patologias que podem ocorrer dentro do ambiente de trabalho e cujas suas implicações psicológicas estão efetivamente atrelada às relações e interações ocorridas nas organizações⁷. Assim, a psicologia organizacional se constitui de um trabalho feito para a organização enquanto empresa, e esta, enquanto sujeitos superiores, agentes detentores do capital.

Os seus conceitos tem um propósito estruturalista, caracterizam-se de iniciações argumentativas, nas quais se mostram a favor dos agentes detentores, e que promovem toda uma ordenação na vida dos agentes produtores. Por exemplo, a ideia de organização posta por Chiavenato (2004). Para o autor a organização é um "conjunto de pessoas que atuam juntas em uma criteriosa divisão de trabalho, para alcançar o propósito comum" (CHIAVENATO, 2004, p.20). No entanto, essa formulação na sociedade capitalista é

⁷

Como assim são as patologias: Burnout e LER/DORT.

observada pelas várias formas de hierarquia que a sua organicidade compõem, assim como também há um dono, uma agente detentor do poder, que nesse jogo, vai obter maior parte dos bens de produção. Logo, a organização é uma minoria dominante, e o que está em jogo são os interesses dessa minoria, que por sinal devem ser assumidas pela maioria dominada e produtiva. A minoria então tem de ser adaptativa aos interesses dessa maioria, para assim, manter-se no jogo das relações de trabalho do capitalismo.

A psicologia organizacional se apropria da adaptabilidade do ser humano para criar estratégias por onde os sujeitos subalternizados possam se moldar ao jogo; o que não a faz mudar o jogo, mas apenas manter a partida para o agrado dos espectadores.

Muitos são os conceitos que perpassam a psicologia organizacional e que se poderia argumentar, como o de motivação, o de competitividade, o de comportamento organizacional e etc. Porém essas argumentações e análises, pelo curto espaço e limitado desenvolvimento argumentativo, ficará para uma produção posterior. Assim como também, uma proposição interventiva com base nos estudos pós-estruturalistas, para a atuação de psicólogos e profissionais de recursos humanos em organizações nos moldes de uma economia socialista e solidária.

Mas acreditamos ser necessário fazer essas reflexões críticas iniciais, pensando mudanças futuras, tanto para a psicologia das organizações como para todo o sistema e a saúde da vida humana.

Essas reflexões são ousadas diante da vasta produção literária que segue compondo o espaço da psicologia no sistema capitalista, e de tudo que se tem proposto por ela. Porém, são válidas quando temos a oportunidade de ver reais mudanças no mundo do trabalho, na vida dos sujeitos e na própria sociedade, de maneira mais saudável e justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhando para o fim de um começo que nos investiga bastante, buscamos a bordar sobre um breve ensaio, a psicologia organizacional e sua história na formação de estratégias que ao invés de se manterem interventivas a um sistema que oprime, se

caracterizam mais como uma maneira de criação de práticas e conceitos que norteiam os sujeitos à obediência da ordem e manutenção do seu caráter desigual.

O propósito conseguinte desse ensaio será poder aprimorar as críticas aqui estabelecidas, na esperança de, para além de demonstrar as contradições dos discursos promovidos pela psicologia organizacional, à luz do arcabouço teórico do pós-estruturalismo, também mostrar as possibilidades que se tem estando fora do sistema capitalista, pensando na concretude de uma vida realmente justa, saudável e equitativa aos sujeitos em suas relações humanas e sociais.

REFERÊNCIAS

BERGAMINI, Cecília Whitaker. *Psicologia aplicada à administração de empresas: psicologia do comportamento organizacional*. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2005.

_____; BERALDO, Deobel Garcia Ramos. *Avaliação de Desempenho Humano na Empresa*. São Paulo: Atlas, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva editora, 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de Pessoas: e o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2004.

_____. *Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações*. São Paulo: Pioneira Tohompson, 2004.

_____. *Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos: como incrementar talentos nas empresas*. 7º ed. ver. e atual. Barueri: Manole, 2009.

_____. *Administração*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUATTARI, Félix. 1985 – Microfísica dos Poderes e Micropolíticas dos desejos. In: Queiroz, A.; CRUZ, N. V. (Org.) *Foucault Hoje?*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

_____. ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. 10º ed. Petropolis: Vozes Editora, 2010.

_____. *Da produção de subjetividade*. Imagem, 1993

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.